

LITERARTES, n.4, 2015 – resenha – Patrícia Pereira

RESENHA: “ME ESCREVA TÃO LOGO POSSA”: PERCURSOS EPISTOLARES

BOOK REVIEW: “WRITE ME AS SOON AS YOU CAN”: EPISTOLARY PATHWAYS

RESEÑA: “ESCRÍBEME ASÍ QUE PUEDAS”: PERCURSOS EPISTOLARES

Patrícia Pereira ¹

RESENHA: MORAES, Marcos Antonio de. (org.). *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna/Salamandra, 2005.

RESUMO: (Resenha) “Me escreva tão logo possa”: percursos epistolares, com base na obra organizada por Marcos Antonio de Moraes, intitulada *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa* (São Paulo: Moderna/Salamandra, 2005).

ABSTRACT: (Book review) “Write me as soon as you can”: epistolary pathways, based on the work organized by Marcos Antonio de Moraes, entitled *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa* (São Paulo: Moderna/Salamander, 2005).

RESUMEN: (Reseña) “Escríbeme así que puedas”: percursos epistolares, con base en la obra organizada por Marcos Antonio de Moraes, titulada *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa* (São Paulo: Moderna/Salamandra, 2005).

1 Mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é professora de literatura e de língua portuguesa. E-mail: prcpereira@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Resenha; cartas no Brasil; epístolas; antologia.

KEYWORDS: Book review; letters in Brazil; epistols; anthology.

PALABRAS CLAVE: Reseña; cartas en Brasil; epístolas; antología.

Foi a caminho da sala de aula, percorrendo uma das muitas avenidas paulistanas e pensando na melhor maneira de abordar o tema do bimestre letivo que surgiu a ideia: oferecer aos alunos a oportunidade desafiadora de refletirem sobre literatura enquanto se familiarizavam com um relevante e antigo gênero textual pelo qual tenho grande apreço, o epistolar.

Como era de se esperar, apesar do amadurecimento do projeto durante dias de preparação, a proposta não foi muito bem recebida pelos estudantes. Assim que demos início à aula e o plano de trabalho foi apresentado, o primeiro comentário, inesquecível, veio em forma de duas perguntas em tom inconformado: “Carta, professora...? Nossa! Você não sabia que isso é coisa do passado?”

As impacientes questões da adolescente de quatorze anos contaminaram boa parte dos alunos e precederam atividades de reflexão acerca dos diferentes papéis desempenhados pela missiva enquanto “‘objeto’ rico de significação dentro do mecanismo social” (MORAES, 2005, p.15), seja no passado ou nos dias atuais, na vida real ou na ficção. Esse foi o primeiro passo de uma jornada que transcorreu alternadamente pesada e leve, e durou semanas; período no qual nos deparamos com uma gama de textos valiosos, de teores, estilos e épocas variados.

Objetivando alcançar um bom resultado, antes de nos aprofundarmos no universo “carteador” propriamente dito, a estratégia adotada foi abordar o assunto de modo tangencial. Nesse momento, contamos com os versos do

poema “Cartas de meu avô”² e da canção “Love letters”³, peças-chave de motivação que aqueceram as discussões e ajudaram a fertilizar o terreno do qual advieram, mais tarde, leituras proveitosas dos mais diversos tipos de cartas.

Não obstante a relutância das aulas iniciais, ao adentrarmos efetivamente no estudo e análise das missivas, elas foram, aos poucos, conquistando os alunos até se tornarem parte fundamental e prazerosa do cotidiano de todos. Em nossa trajetória quase diária, passamos por relatos de viajantes dos séculos XVI, XVIII e XX, por uma carta de amor, outra autobiográfica, por missivas engraçadas e mensagens de profunda tristeza, recônditas e comoventes; até mesmo correspondência a respeito do processo de criação literária fez parte de nossa lista. É sobre ela que discorreremos nas próximas páginas.

Carta ao leitor

Os textos escolhidos para a realização dessa empreitada foram retirados de um livro de quase 170 páginas, capa branca e laranja, muito simpático, publicado há dez anos e intitulado *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*. Trata-se da reunião de vinte mensagens “representativas das potencialidades do gênero epistolar no Brasil” (MORAES, 2005, p. 22), cuidadosamente selecionadas e acompanhadas de textos introdutórios que aproximam ainda mais o leitor do contexto no qual estava inserido cada um dos missivistas.

O organizador da coletânea, Marcos Antonio de Moraes — atual professor

2 BANDEIRA, Manuel. *Cinza das horas*, 1917.

3 Em 1945, a composição dos norte-americanos Victor Young e Edward Heyman foi tema do filme “Um Amor em Cada Vida”. Famosa nas vozes de Nat King Cole e Elvis Presley, em 2014, “Cartas de amor” – como foi traduzida em português – fez parte da trilha sonora da telenovela “Em família”, de Manoel Carlos, e destacou-se na versão interpretada por Roberto Carlos.

do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, especialista em epistolografia e dedicado pesquisador do epistolário de Mário de Andrade (1893-1945) —, traz ao seu leitor-destinatário, no prólogo e nos textos que antecedem cada uma das missivas, uma visão sensível sobre a correspondência de hoje e de sempre, que, a despeito dos avanços tecnológicos, surpreendentemente rápidos dos últimos anos, continua perseverando.⁴

O prefácio-missiva do livro seduz os jovens não habituados à carta no dia-a-dia. Ao usar uma linguagem acessível, o pesquisador não perdeu a elegância, embora interaja com o “amigo leitor” de um jeito muito pessoal, simulando uma conversa franca com um conhecido verdadeiro, talvez um aluno querido, eleito por ele para dividir suas experiências. À certa altura de sua carta, Marcos procura garantir cumplicidade maior com os correspondentes e, para isso, conta-lhes um pouco da história de sua vida, dando ênfase aos rumos das trajetórias acadêmica e profissional.

4 O professor lembra: “gente que nunca escreveu uma carta na vida, descobriu agora o e-mail, os blogs (diários na Internet) e as comunidades virtuais capazes de aproximar pessoas do mundo todo.” E complementa afirmando que vivemos “sem dúvida, graças à tecnologia, em um tempo rico de possibilidades de comunicação” (MORAES, 2005, p. 20). Ele, assim como nenhum de nós, não poderia imaginar as mudanças por que os meios de comunicação passariam em dez anos: a invasão dos aplicativos e das interfaces do meio digital – tão presentes na vida de todos hoje em dia –, direcionados estritamente ao compartilhamento de informações, contribuíram muito para que a velocidade das trocas de mensagens aumentasse de maneira assustadora e incontrolável.

Com cartas verdadeiras e ficcionais⁵ do criador de Macunaíma⁶, epistológrafo privilegiado na antologia, o professor direciona os caminhos que seu livro vai perfazer. Aponta o caráter “anímico” das correspondências, ressaltando o fato de a carta ser, notadamente, um objeto que representa “muito mais do que um pedaço de papel com uma mensagem” (MORAES, 2005, p. 15).

Lembrando que “[...] a correspondência se alimenta dos acontecimentos diários, de nossas ideias e sentimentos” (MORAES, 2005, p. 8), o idealizador do livro retoma as palavras do filósofo grego Demétrio de Faleros (350 a.C. — 280 a.C.), em “um dos raros documentos gregos da Antiguidade que trazem uma reflexão sobre o gênero [epistolar]” (FREITAS, 2011, p. 76), e assinala que podemos ver inclusive um pouco da nossa presença física, ma-

5 Definições da professora e pesquisadora Nora Esperanza Bouvet, que afirma: “[...] se entiende por ‘auténtica’ o ‘verdadera’ la carta privada, es decir, dirigida y enviada efectivamente a un destinatario determinado, y por ‘inventada’ o ‘ficcional’ la que no cumple esos requisitos.” (BOUVET, 2006, p. 115).

6 A primeira missiva de que Marcos nos fala vem da crônica “Amadeu Amaral” (ANDRADE, Mário. O empalhador de passarinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009), a segunda foi extraída do livro Macunaíma (1928) – o nono capítulo conhecido como “Cartas pras Icamiabas”, o terceiro e quarto textos epistolares, de 1926, guardam relatos pessoais de Mário aos amigos Manuel Bandeira (1886-1968) e Anita Malfatti (1889-1964).

terial – ou, em suas palavras, “corpórea” – na correspondência.⁷

Outros pontos fundamentais são salientados pelo organizador da coletânea. Um deles é referente à *persona* ou “personagem” epistolar, elemento essencial de que quase não se ouve falar. De acordo com o professor, quando escrevemos, consideramos os nossos interlocutores e “a cada um deles somos diferentes, mostrando faces diversas da nossa personalidade, sempre adaptando a linguagem às nossas intenções. Até a maneira de contar um fato se modifica em face dos nossos destinatários, conforme as nossas conveniências.” (MORAES, 2005, p. 12).

Abordando a função comunicativa que a carta desempenha, o pesquisador também menciona regras básicas que um bom missivista não deve deixar de lado. Para isso, ele reúne algumas normas de conduta relativas à correspondência, carta ou e-mail – evitar o uso exagerado de abreviaturas e, sobretudo, os erros de português; em caso de animosidade ou “estresse”, é recomendado esperar os ânimos se acalmarem para corresponder-se. O mais aconselhável é ser sucinto ao escrever cartas/e-mails; responder 99% das mensagens recebidas e procurar não repassar as correntes que

7 No decorrer do texto, Marcos ainda faz observações a respeito da participação epistolar em tramas da televisão e da sétima arte. O organizador da antologia menciona o aclamado filme “Central do Brasil” (dir. Walter Salles, 1998), em cujo elenco está a atriz Fernanda Montenegro, a protagonista, interpretando uma senhora que trabalha como “escritora” de cartas para analfabetos na principal estação de trem do Rio de Janeiro. No tocante à produção cinematográfica, lembro que outros filmes nos quais a correspondência tem um papel importante foram também lembrados durante as aulas, dentre eles, destaco “Cartas para Julieta” (2010), “A casa do Lago” (2006), “Uma carta de amor” (1999) e “Mensagem para você” (1998).

circulam pela Internet são também dicas preciosas para os nossos dias.⁸

Segundo Marcos, ao separar os textos para seu livro, houve preferência por “mensagens nas quais o remetente se depara com um mundo novo ou vive alguma experiência transformadora de sua visão de mundo” (MORAES, 2005, p. 22). Contudo, quando começamos a leitura e nos deparamos com mensagens de conteúdos múltiplos — histórico, pessoal, literário —, observamos que esse limite foi exitosamente ultrapassado, o que nos leva a mergulhar em um oceano de conhecimento e emoções. É por essa razão que os textos, as cartas e os e-mails desse livro merecem ser revisitados, mesmo que brevemente, como faremos nas linhas a seguir.

Escolha e caminho epistolar

A viagem “carteadora” que o organizador do livro propõe inicia-se no século XVI e chega aos anos 2000. Por meio dela, ele põe à disposição dos leitores cartas de missivistas-escritores⁹ e de outros epistológrafos, envolvidos com diferentes ofícios.¹⁰

Dada a ausência de relação temporal e temática entre as mensagens, os leitores podem se sentir à vontade para traçar a própria direção epistolar. Foi isso que fiz, e não posso negar que, como admiradora das correspon-

8 Diferentes autores foram consultados a respeito do tema: o padre lusitano José Ignacio Roquette (1801-1870), o poeta Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) ou *D. Juan de Botafogo* como também era conhecido, a especialista em etiqueta Claudia Matarazzo e a jornalista Wilma Bolsoni, contemporâneas nossas.

9 Álvares de Azevedo, Caio Abreu, Gonçalves Dias, João Antonio, Luiz Gama, Machado de Assis, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Olavo Bilac e Rodrigo Ponts foram os nomes contemplados.

10 Trata-se do escrivão da esquadra cabralina, Pero Vaz de Caminha, dos padres José de Anchieta e Antônio Vieira, do bandeirante Diogo de Ordonhes, do médico Rubens Brando, dos militantes políticos Frei Betto e Joel Rufino, da crítica literária Walnice Galvão e da professora de história Vilma Feliciano.

dências do século XIX, a primeira missiva que li foi a dolorosa carta do Bruxo do Cosme Velho.

Em poucas linhas, Machado de Assis escreve sobre a morte de sua “boa e amada Carolina” (MORAES, 2005, p. 89), com quem esteve casado durante mais de três décadas, ao amigo Oliveira Lima, agradecendo-lhe a mensagem de pêsames que havia recebido.

Também dos anos 1800 é a não muito longa, mas reveladora carta que o poeta e ex-escravo Luiz Gama destinou a Lúcio de Mendonça. A missiva é o único relato [auto]biográfico do mais ilustre filho de Luíza Mahin, “história inédita de um documento que só vem a lume nos anos 1930” (FERREIRA, 2008, p. 300).

Essas duas tristes cartas dão lugar às declarações de amor de Olavo Bilac. Perdidamente apaixonado, o poeta escrevia com palavras repletas do mais profundo sentimento à sua noiva, Amélia de Oliveira, “a melhor, a mais pura, a mais santa de todas as criaturas” (MORAES, 2005, p. 79).

Já no século XX, encontramos uma missiva do autor de Urupês a Godofredo Rangel. Nela, Monteiro Lobato discorre sobre literatura e o círculo intelectual do período.¹¹ De 1923 e 1937 são as duas cartas do escritor Mário de Andrade, enviadas a Manuel Bandeira e Rodrigo Andrade, respectivamente. Cheias de humor e reflexões a respeito do processo de criação literária, são algumas das missivas que fazem parte da extensa correspondência mario-andradiana.¹²

11 Sobre o tema abordado na carta, indico a entrevista do pesquisador Emerson Tin (http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2007/ju-370pag6-7.html) e a leitura do livro *A Barca de Gleyre*, correspondência de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, publicado pela editora Brasiliense.

12 A Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) já publicou, na “Coleção Correspondência Mário de Andrade”, grande parte das cartas que compõem o volumoso epistolário do escritor paulistano. Disponível em: <http://www.edusp.com.br/prodcolecao.asp?id=182&dsc=Correspond%EAncia+M%E1rio+de+Andrade>

Do final dos anos 1900 e início do século XXI vêm as mensagens dos jovens Caio Abreu e Rodrigo Ponts. O primeiro ainda se corresponde com os pais por meio de uma carta, na qual relata as impressões inesquecíveis que Paris lhe causou em sua primeira viagem à cidade luz. Em 2003, o segundo, jovem estudante paranaense, envia um e-mail — do qual foi extraída a sentença empregada como subtítulo do livro — ao irmão, narrando-lhe a fascinante temporada que passava na cidade de São Paulo um ano antes de falecer.

Sem sombra de dúvida, a missiva que mais comoveu a todos, e com a qual as atividades foram muito produtivas, foi a de Joel Rufino dos Santos. Da prisão, o militante político escreve ao menino Nelson, seu filho. Dono de palavras que lhe “conferem uma dimensão da Sherazade” (MORAES, 2005, p. 124), Joel interage naturalmente com a criança e lhe descreve o cárcere com uma delicadeza fantasiosa simplesmente emocionante. Incontestavelmente, a mais linda carta de toda a coletânea.

Em três mensagens, tivemos a oportunidade de ler interessantes descrições de regiões brasileiras feitas em diferentes momentos. O bandeirante Diogo de Ordonhes escreve a um amigo e, em sua missiva, conta pormenorizadamente os percalços enfrentados durante sua expedição pelo interior do país no século XVIII. O poeta Álvares de Azevedo relata, em uma carta à sua mãe, a entediante vida da cidade de São Paulo em meados do século XIX. Já o vate Gonçalves Dias “participa, em 1859, de uma Comissão Científica de Exploração” (MORAES, 2005, p. 62) pela Amazônia e apresenta ao amigo Antonio Henrique Leal as fortes impressões que a floresta lhe causou.

A célebre carta do escrivão-mor da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao rei D. Manuel, datada de 1500, e duas missivas históricas – sobre dificuldades de catequização e escravidão indígena – do padre Anchieta ao também sacerdote Inácio de Loyola, em 1554, e de Antônio Vieira ao rei D. João IV, no ano de 1654, não poderiam estar de fora de uma antologia em que o Brasil tem posição privilegiada.

As missivistas do livro são Walnice Galvão e Vilma Feliciano, que presenteariam os leitores com duas mensagens: um e-mail divertido no qual Walnice, em princípios do século XXI, discorre sobre a instigante relação entre cria-

ção literária e inovações linguísticas, e uma carta-aberta enviada por Vilma à *Folha de São Paulo*, em 2005, na qual a professora expõe seu ponto de vista referente a um artigo sobre “[des]igualdade racial” publicado pelo mesmo periódico.

O único ponto negativo que ressaltamos é quanto às notas que acompanham a carta do jovem médico Rubens Brando. Talvez um número maior de referências explicativas tivesse favorecido mais o estreitamento de laços do leitor com o emissor da missiva, que, nos primeiros dias de 1981, narra a um amigo as aventuras vividas em Roraima enquanto “cumpria a [árdua] missão de vacinar índios de tribos Yanomamis” (MORAES, 2005, p.129).¹³

Apesar de não ser muito recente, o livro continua atual. A iniciativa de seu idealizador foi muito benéfica, pois aproxima a escrita epistolar do público jovem, que vive aparentemente distante das missivas.¹⁴ Utilizado como material didático ou objeto de fruição literária, a coletânea é altamente recomendada para os iniciantes e iniciados ao gênero “carteador”.

Posso assegurar que a *Antologia da carta no Brasil* enriqueceu não apenas as aulas do nono ano de um colégio da zona sul de São Paulo, mas preencheu também, e principalmente, a vida e o coração daqueles que serão os nossos futuros escritores de cartas.

13 Em contraponto, deve-se destacar o fato de o organizador da coletânea ter tido o cuidado de preparar um glossário – chamado por ele de “vocabulário” – para elucidar as possíveis dúvidas dos leitores, levando em conta a faixa etária de seu público.

14 Existem, hoje, projetos que abraçam a ideia de manter viva a presença das missivas em pleno século XXI. Até o momento, localizamos na Internet pelo menos dois grandes projetos brasileiros relacionados ao gênero epistolar: a página “Amor em cartas” do *Facebook* e o blog “Troca de cartas” (<http://trocasdecartas.blogspot.com.br>).

Referências

BOUVET, Nora Esperanza. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

FERREIRA, Lígia Fonseca. “Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça”. Teresa. *Revista de literatura brasileira*, n. 8/9. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2008.

FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o Estilo de Demétrio*. Biblioteca Digital da UFMG, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>. Acesso em 05/01/2015.

MORAES, Marcos Antonio de. (org.). *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna/Salamandra, 2005.